

O *design* das idéias propondo sua forma de leitura e suas chances de continuidade

FABIANA DULTRA BRITTO

Leituras do corpo, de Christine Greiner e Cláudia Amorim (orgs.). São Paulo: Annablume. 2003. 200 p.

Resumo O lançamento da coleção *Leituras do corpo* é uma importante iniciativa de divulgação científica dos estudos recentes acerca do corpo desenvolvidos pelas Ciências Cognitivas, pelas Teorias Evolutivas da Cultura e pela Crítica de Arte por contribuir para a consolidação do entendimento do corpo como mídia do conhecimento, tão necessário para inscrever as discussões sobre esse assunto num registro teórico cientificamente embasado.

Palavras-chave corpo, evolução cultural, comunicação

Abstract The launching of the *Leituras do corpo* (Reading Body Collection) is a very important initiative for the scientific divulgation on body studies, developed by Cognitive Sciences, Evolutionary Theories of Culture and the Art Criticism, because it add up for the consolidation of the way of understanding the body as media of knowledge, so necessary for to inscribe the discussion about this subject in a theoretical register scientifically supported.

Key words body, cultural evolution, communication

Organizado por Christine Greiner e Cláudia Amorim, o livro inaugural da coleção *Leituras do corpo*, lançado com o mesmo nome, em agosto de 2003, pela editora Annablume, é apresentado, na contracapa, como um trabalho de resistência. Dito assim, sem maiores explicações. Uma tal definição, contudo, ajusta-se bem aos propósitos de

fortalecer um campo teórico de investigação sobre o corpo, cujos pressupostos desafiam as formulações canônicas. Pensado nos termos do ativismo cultural proposto pelo Critical Art Ensemble em *Distúrbio Eletrônico* (Conrad, 2001), o sentido de resistência dessa coleção pode ser localizado na sua preocupação declarada (p. 12) em combater a perigosa armadilha de tomar gato por lebre, posto que, em se tratando de um assunto tão complexo quanto sedutor como é o corpo, "*as pesquisas são quase sempre uma nova roupagem para antigos pensamentos e convicções (...)*" (p. 12).

Em sua introdução, Christine Greiner situa, de modo claro e didático, o campo teórico em que se inscreve a discussão de corpo que a coleção pretende empreender. Argumentando a importância de estudar como o corpo funciona para "*compreender como as informações do mundo são internalizadas no organismo e, então, modificadas*" (p. 12), a autora aponta a necessidade de recorrer à pesquisa de "*algumas mudanças epistemológicas realizadas pelas Ciências Cognitivas, pelas Teorias Evolutivas da Cultura e pela Crítica de Arte*" (p. 13).

Na coletânea de nove ensaios escritos por autores nacionais e estrangeiros, a proposta é lançar luz sobre estudos recentes acerca do corpo, considerado não sob a perspectiva generalista das vertentes derivadas dos modismos temáticos que ganham espaço crescente nos meios de comunicação de massa — como observa Christine Greiner, citando os exemplos da cultura da malhação, das terapias corporais, dos manuais de auto-ajuda e dos estudos de educação somática. Também não sob o ponto de vista dos produtos culturais criados pelo corpo no exercício das suas habilidades. As leituras do corpo que interessam a essa coleção são aquelas baseadas no entendimento do corpo como mídia do conhecimento, as que "*reconhecem todos os processos de comunicação como fenômenos nascidos no corpo*". (p.12)

Muito embora seja esse o substrato teórico que justifica a linha editorial do livro, não é isso que figura como conteúdo dos ensaios coletados. Tais entendimentos dos processos corporais operam mais nitidamente como pressupostos norteadores do trabalho de organização da coleção. Exceção feita aos quatro ensaios contextualizadores — a introdução e as apresentações de cada um dos três capítulos — que tematizam o corpo sob a perspectiva do seu "*funcionamento genético e neurofisiológico*" (p.12), todos os demais ensaios são pré-existentes à coleção e se integram a ela com mais justeza pelo viés temático conferido aos capítulos do que propriamente pelo enfoque teórico estabelecido na proposta editorial para abordar o corpo.

Os títulos de cada parte apresentam-se como referencial de agrupamento dos ensaios, sugerindo pontos de conexão entre os variados assuntos tratados por cada autor convidado.

Na primeira parte, "corpo e imagem", James Elkins, professor do Art Institut de Chicago (EUA), analisa o ensaio fotográfico *As lágrimas de Eros*, de Georges Bataille,

para argumentar que as imagens registradas nessas fotografias "*derrubam as teorias especulativas e as alegações de que a representação termina ou é arruinada pela deformação, pela dor ou pelo êxtase extremo*" (p. 28). Peter Pál Pelbart, professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP, toma a imagem de dois personagens literários – o jejuador de Kafka e o copista Bartleby de Melville – para refletir sobre o corpo do "informe" e demonstrando que "*do interior do que poderia parecer a vida nua, nesses personagens se expressa a exigência de uma forma-de-vida (...) sem forma e, precisamente, sem sede de forma, sem sede de verdade*" (p. 76), para sugerir que lidar com um tal paradoxo seria o esforço que nos é proposto pelos tempos presentes.

Na segunda parte, "corpo e movimento", Isabelle Launay, professora do Programa de Dança da Universidade Paris VIII, discute o papel da relação pedagógica na aprendizagem corporal da dança, baseada em 30 horas de testemunhos coletados junto a 10 artistas, entre bailarinos e coreógrafos, atuantes atualmente na França. Sandra Meyer, professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Santa Catarina, trata do conceito de ação no teatro, sugerindo que as recentes pesquisas sobre a natureza dos processos corporais apontam para a necessidade de redimensionar as noções de controle, intencionalidade e consciência, temas habitualmente associados ao trabalho corporal do ator.

Na terceira parte, "corpo e paisagem", Jo Takahashi, arquiteto e diretor de projetos culturais da Fundação Japão-SP, discute o lugar do corpo no cenário urbano. Shigehisa Kuriyama, professor do Centro de Pesquisa de Estudos Japoneses de Kyoto, Japão, apresenta uma leitura sobre a persistência da memória cultural no corpo, analisando a evolução do modo como os japoneses experienciam o *katakori*: uma aflição de corpo, uma espécie de "*tensão mental que se manifesta como uma tensão muscular*" (p. 178).

É assim que, apesar da autonomia dos textos e independência das partes, a organização do livro permite tomá-lo como conjunto coeso: imagem, movimento e paisagem articulam-se ao corpo como continuidade sua, no sentido de corresponderem a instâncias diferentes do mesmo processo de relacionamento que o corpo estabelece com outras informações do mundo. A imagem pensada como substrato da atividade representacional, o movimento como estrutura organizada pela ativação dos processos corporais, e a paisagem pensada como ambiente, ou seja, conjunto de condições para a sobrevivência dos organismos.

Se, de um lado, essa estratégia organizativa confere à estrutura do livro uma forte coerência interna, de outro, confere certa dispersão de foco ao campo temático, afrouxando o engajamento do leitor na sua interação com os assuntos. São tão específicos os aspectos do relacionamento entre corpo e mundo, tratados por cada autor convidado que a coesão estrutural conquistada pelo modo de articular

os ensaios ao propósito do livro não se manifesta na experiência da leitura. Trata-se de um perfil editorial tão abrangente em suas possibilidades exploratórias da vertente teórica escolhida quanto é específico em suas referências aplicativas. Eis, aí, a dificuldade de definir seu "público-alvo" e, com ela, a oportunidade de questionar a função de utilidade de uma tal definição, para além do debate em torno da importância dos estudos estimativos quanto ao potencial de vendas de qualquer produto cultural. Pensada nos termos dos mesmos pressupostos evolutivos definidos pelas idealizadoras da coleção, a própria idéia de público-alvo parece cientificamente insustentável: tratado como unidade coletiva, claramente identificada em sua condição imutável de integrante de determinado grupo social, mais parece uma entidade mística. Sabendo-se, contudo, que há muito mais entre o livro e o leitor do que o nosso vão determinismo ilustrado é capaz de aceitar, seria prudente reconhecer que identificar público-alvo é pura elucubração especulativa. Eis que o sentido de utilidade de *Leituras do corpo* pode, então, ser considerado não sob o ponto de vista da aplicabilidade técnica dos seus assuntos mas da capacidade conectiva da sua proposta editorial com a rede de conhecimentos mobilizada no livro.

Um livro nascido como primeiro de uma coleção suscita considerações de ordem diversa daquelas habitualmente aplicadas à situação de um lançamento editorial, porque finalidades, justificativas e pressupostos adquirem função estrutural até mais enfática do que os conteúdos coletados para sustentar a proposta — pois que esses serão outros a cada volume, de modo a satisfazer a vocação de continuidade do projeto. Assim mesmo, importa observar nos conteúdos desenvolvidos pelos autores convidados a ocorrência de certas falas contraditórias aos pressupostos defendidos pelas organizadoras da coleção, de modo a tratá-las não como deslizos teóricos mas como manifestação natural de hábitos de raciocínio fortemente arraigados no corpo, cuja mudança demanda uma trabalhosa reorganização dos processos de cognição corporal — algo que leva mais tempo do que desejaríamos.

É assim que se poderia compreender, por exemplo, como as idéias de que "*a arte segue caminho oposto ao da ciência cujo caminho é o do conhecimento, revelação e muitas vezes do controle*" (p. 17) e de que um pensamento artístico só se torna arte quando é posto em prática (p. 20), podem aparecer num texto cujo percurso argumentativo pretende justamente apontar a necessidade de se libertar da dualidade "corpo e mente" para "*compreender as verdadeiras correspondências entre ação e pensamento*" (p. 24). Do mesmo modo, pode-se tratar a idéia romântica, encontrada na página 91, de que o prazer de dançar "*entregue à sua própria lógica, não é submetido a uma sintaxe ou coordenação autorizada*".

Para pensar a eficiência de um produto cultural frente à sua função de promover redes de conexão informativa geradoras de complexidade no ambiente, parece

apropriado recorrer ao conceito de *design* trabalhado por Richard Dawkins, em seu livro *The Blind Watchmaker* (1996). Segundo ele, o *design* expressa a relação entre função e formato de um organismo e, por isso, opera como fator evolutivo da espécie: do *design* dependem as condições de sobrevivência do organismo. E a durabilidade do *design*, sendo relativa às propriedades do organismo, circunscreve suas possibilidades de permanência – a continuidade da espécie.

Leituras do corpo tem problemas de *design*. O formato tosco do projeto gráfico do livro não corresponde à sofisticação da sua proposta editorial e, desse modo, compromete a função de continuidade da coleção. A gramatura e qualidade do papel tornam quase ilegível tudo o que está escrito em branco sobre fundo preto: os títulos e a numeração (que é escrita por extenso) das páginas e, principalmente, das notas de rodapé. Provavelmente pelo mesmo motivo, também são quase irreconhecíveis as imagens fotográficas reproduzidas no primeiro capítulo.

Há ainda o descuido com a correção dos textos. Alguns problemas de tradução que sugerem erros ortográficos e sintáticos, além de erros de digitação, tais como: autores trocados na bibliografia, datas de publicação das referências citadas no corpo do texto diferentes daquelas constantes da bibliografia.

Certamente que o barateamento de custos de um livro será sempre uma iniciativa louvável das editoras, desde que acompanhada do correspondente barateamento dos preços no varejo. Não é esse o caso.

Ressalte-se, por fim, que *Leituras do corpo* foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), na categoria projeto editorial em dança, em reconhecimento ao importante papel de divulgação científica que a coleção desempenha em meio a tantas publicações ainda sustentadas por pensamentos românticos, ingênuos ou simplesmente equivocados sobre o funcionamento do corpo. Que esse apoio ao trabalho de resistência que a editora Annablume está ancorando seja por ela compreendido como atribuição de responsabilidade – com o futuro.

FABIANA DULTRA BRITTO, crítica de dança e professora da UFBA, é graduada em Dança pela mesma instituição, mestre em Artes pela ECA/USP e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Criou e coordenou, para o Instituto Itaú Cultural, o projeto de mapeamento da dança contemporânea realizado pelo Rumos Dança 2000. É organizadora do livro *Cartografia da dança* (2002, Instituto Itaú Cultural – SP), orientadora do projeto coreográfico *SKR*, do Grupo Cena 11 (SC) e coordenadora científica do Centro de Estudos do Corpo, na PUC-SP. anfibio@terra.com.br

*Resenha recebida no primeiro semestre
e aprovada em 20 de setembro de 2004*